ANO I N.º 19
Numero avulso 5$oo

LOURENÇO MARQUES
15 de Janeiro de 1934

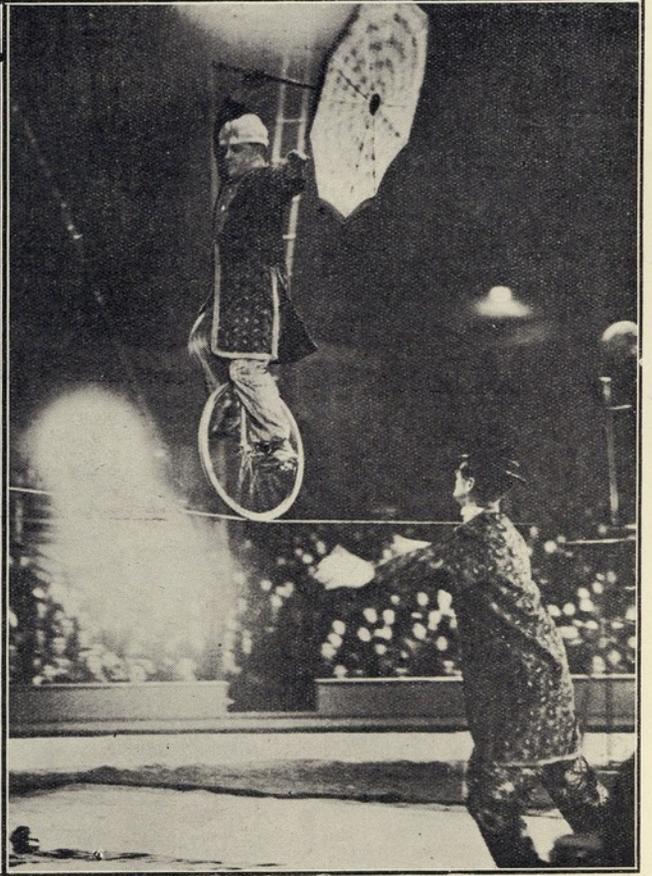
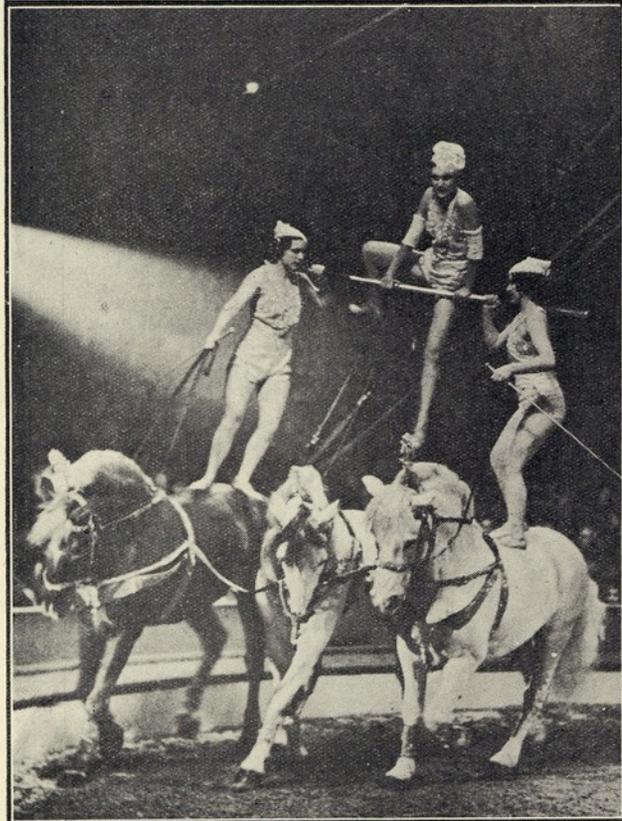
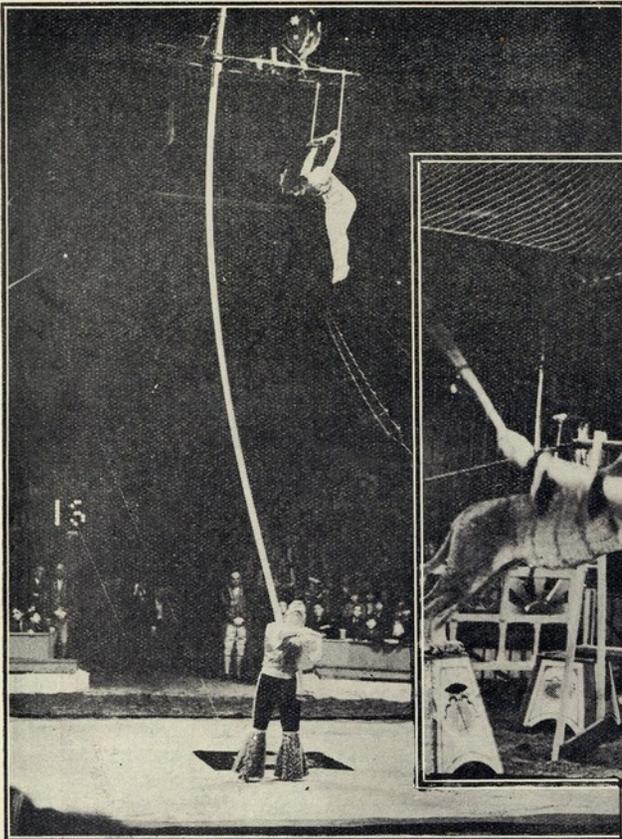
O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipográfica
Director — SOBRAL DE CAMPOS
Sede — Praça 7 de Março

EXTASE

A interessante artista da Metro, Florine McKinney

No Circo

Apresentamos, nesta página, alguns instantâneos tirados, à noite, num circo. Foi em Londres, pelo Natal, no Circo Olímpia, o mais popular da grande capital inglesa...

Êste género de divertimentos é, lá, muito apreciado, e os espectáculos organizados, agora, pelo Natal, foram revestidos de grande interêsse, tendo despertado um intenso entusiasmo alguns dos excelentes números exibidos.

As nossas gravuras mostram-nos:

■ Mlle. Violette D'Argens, com os seus famosos leões. Foi a primeira vez que se apresentou em Londres e teve um verdadeiro sucesso.

■ As «Irmãs Medrano» — que também pela primeira vez se exibiram em Londres — num magnífico trabalho eqüestre, esplêndido pelo arrôjo e pela harmonia do grupo.

■ Os gimnastas-acrobatas «Ambrosis», num emocionante número de trapézio.

■ Finalmente, um admirável trabalho equilibrista e cómico dos «Lorandos», artistas muito queridos do povo londrino.

IZ-NOS um telegrama de há dias que o deputado socialista Léon Blum — que, nêstes últimos anos, ocupou o lugar de presidente do Partido Socialista francês e que na tribuna do «Populaire» sustenta a sua ideologia com fogosas e mordentes polémicas — se mostra receoso do fascismo e denunciou êsse perigo num recente discurso que fez em Marselha.

Segundo o declarou essa extraordinária figura do partido mais robusto e melhor organizado da França, está-se fazendo uma grande conspiração contra o Partido Socialista — conspiração que tem por objectivo o desencadear de um movimento, do qual possa vir a resultar o estabelecimento do regime fascista naquele país.

No decorrer das suas considerações, Léon Blum fez notar que o crescimento do desemprêgo — fruto da organização capitalista — devia, lògicamente, levar as massas populares a ligarem-se ao socialismo; mas que, ao contrário do que a lógica impunha e impõe, o que se tem visto é precisamente o contrário: é as massas populares aliarem-se aos seus algozes, aos causadores da sua miséria e da sua escravidão. Assim sucedera na Itália e na Alemanha, com o advento das suas ditaduras da extrema direita, e o mesmo deve vir a verificar-se, muito em breve, na Áustria.

E, denunciando o perigo, o robusto combatente do Partido Socialista francês — temível adversário das doutrinas e das correntes opostas — exorta os socialistas a tomarem cuidado, a estarem atentos e a postos.

«De contrário... o fascismo triunfará, também, em França.»

*

* *

Não nos causaram surpreza as informações do telegrama. Não ignoravamos — ninguém ignora — que a idéa fascista tem os seus adeptos, a sua organização combativa, os seus iluminados e os seus «interessados» em França e que essa idéa começou a definir-se mais, a criar ambiente, a conquistar, embora confusamente, certos sectores da opinião pública, nêstes últimos meses, em presença das perturbações políticas, da instabilidade governamental e parlamentar — dêsse rápido suceder de acontecimentos, tam rápido, sintomático e impressionante como o desenrolar de cenas de um filme passando no «écran». Por outro lado, desde a Grande Guerra para cá, nenhum país, talvez — a-pesar-das suas tradições democráticas e revolucionárias — revestiu um tam acentuado carácter de imperialismo como a França. Êsse imperialismo e o mal-estar resultante da instabilidade política, aliados a outras circunstâncias, são factores capazes de preparar terreno para o desenvolvimento dessa corrente.

Não pensavamos, porém, que o «perigo» fôsse tam grande e tam iminente.

O discurso de Léon Blum, em Marselha, trazido até nós, há dias, em resumo, pelo telégrafo, é que nos veio elucidar melhor. E foi esta a única surpreza que êle nos trouxe.

As palavras dêsse discurso têm uma extraordinária importância e uma muito clara significação, por partirem de quem partem — por serem proferidas por Léon Blum, o lutador, o chefe excepcional, o homem habituado a dominar os seus impulsos, a «controlar» os seus nervos vibráteis, a medir as suas palavras, a reflectir as suas atitudes, a só dizer e escrever o que é necessário, calmo — à sobreposse, mas calmo — só se deixando tomar por arrebatamentos quando a fôrça dos acontecimentos ou das circunstâncias a isso o impele, irresistivelmente, no ardor da polémica e do combate, ou quando, na verdade, periguem a ideologia, a vida e o futuro do seu Partido.

Não exageramos nem falseamos o seu perfil.

A revista francesa «Le Mois», no seu número de Fevereiro do ano findo, traçava, em três interessantíssimas páginas, o retrato moral, intelectual e social dessa brilhantíssima figura do socialismo francês contemporâneo — orador parlamentar e jornalista de excepcional merecimento.

Dêsse «retrato» extraimos — para aqueles que menos o conheçam — as seguintes passagens referentes à sua atitude no parlamento e ao respeito que êle infunde.

«— Tem a palavra o sr. Léon Blum.

« Silêncio imediato. A agitação na Câmara cessa, rápido, como por encanto: e também a excitação dêle próprio. Ei-lo direito, frio, com um vago sorriso nos lábios. Um outro homem. Tôda a sua enfurecida mímica anterior acaba nisto: Léon Blum, em pé, com uma voz clara, fraca a princípio, explica a posição do seu partido. A excitação interior, inexplicàvelmente apaziguada, resolve-se em frases unidas, quási neutras. Todos o escutam. Todos aguardam a seqüência das suas idéas e das suas palavras. E todos sabem que é preciso escutar e aguardar, pois que, no desvio de um raciocínio, algumas palavras, inocentemente pronunciadas, revelam a tactica, sempre subtil, muitas vezes imprevista, que êste manobrador-nato concebia, há pouco, ao erguer a mão. Exclamações, cóleras, risos. A voz sobe, sempre clara; o dedo indicador, apontado para as direitas, ou o punho agitado como um lenço. Léon Blum insiste, sublinha a frase que fará irritar o exército adversário, abandona-se, finalmente, um minuto, ao demónio: será a passagem ameaçadora do seu discurso, o único momento em que a sua paixão deixará vibrar um estremecimento imediatamente reprimido. O grupo socialista rebenta em aplausos. O centro e a direita desencadeiam-se contra êle. Sentado, assiste ao espectáculo, pronto a reentrar no combate, já impassível: mas pelo seu olhar irrequieto, pelos movimentos nervosos das suas mãos, adivinha-se que, sob a máscara composta, passam ainda febris estremecimentos: os mesmos que no hemiciclo prolongam ainda os furores e as aclamações.»

E, mais adiante, no decorrer do retrato, diz-se que Léon Blum possui uma elocução fácil e segura, uma palavra que se ajusta maravilhosamente a tôdas as sinuosidades do pensamento e que é o veículo perfeito de uma inteligência pronta e profunda; que tem mesmo, por vezes, acção, mas temperada por um extraordinário domínio de si próprio; uma grande simplicidade de processos: clareza, dialéctica adextrada, que, partindo de um ponto de vista contestável, o conduz a verdades fulminantes, etc.

*

* *

Sendo assim — insistimos — o discurso de Marselha tem uma bem clara significação. Se o grande Chefe do socialismo francês, reflectido e calmo, veio denunciar a existência de uma grande maquinação contra o Partido Socialista; se êle afirma que essa maquinação faz parte de um movimento tendente a estabelecer o fascismo; se êle exorta o seu partido a manter-se vigilante e a postos e as massas populares a engrossarem as fileiras do socialismo e a confiarem na sua ideologia e nos seus fins, é porque, na realidade, êle sente e sabe que êsse «perigo» está iminente e assume o aspecto e as proporções de uma extrema gravidade.

Êsse discurso, êsse grito de alarme, assemelha-se a um toque de clarim. E, mais que êsse grito encorajador e que essa denúncia clara e aberta do jôgo dos adversários, o que melhor nos dá a nota de que alguma coisa de muito grave se está preparando no sub-solo social e político da França, é a passagem dolorosa, triste, lamentosa, do seu discurso, dirigido às massas populares da Itália, da Alemanha e da Áustria, que — contra a lógica — se ligaram e ligam às ditaduras das extremas direitas do capitalismo. Êste traço faz-nos aferir do drama íntimo que se trava na alma do Chefe, do receio que o toma, e que o punge, de que, também em França, a massa popular, contraditòriamente, corra a festejar e a servir de pedestal aos seus tiranos de àmanhã, contribuindo, assim, para retardar o advento de uma nova era que o socialismo apregôa. Compreendemos êsse drama íntimo do Chefe, que tem qualquer coisa de trágico e de grande, ao ver o possível desmoronar do seu apostolado elevado e persistente de muitos anos de luta, em que a sua alma e o seu espírito, a sua palavra e a sua pena se têm empenhado sem descanso e sem desfalecimentos.

E é nêste momento que os Chefes, como Léon Blum, são maiores, sobem mais alto, adquirem uma expressão mais empolgante que se impõe à nossa admiração. É quando, ameaçados de se verem isolados no deserto pelo ruir estrondoso de tôdas as suas mais puras e mais caras esperanças, refazem e congregam tôdas as energias, reconstituem milagrosamente a sua Fé, para, pela pena, pela palavra e pelo exemplo, erguerem, mais alto ainda, o Estandarte da sua Idéa. Há qualquer coisa de divino, de escultural e de eterno nessa atitude de um Chefe. A sua sombra, enorme, desmesurada, dilatada pelo seu Sonho, enche uma época.

*

* *

O que vai passar-se na França? Continuará, ainda, por muito tempo, no equilíbrio instável que vem atravessando, nesta democracia... vaga, nêste imperialismo... disfarçado e bifronte? Não nos parece possível...

Caminhará para a extrema direita, para uma ditadura conservadora, ultramontana, para um imperialismo desmascarado, forte, sectarista e feroz, seguindo na esteira de outros países?

Ou, do choque dessas correntes adversas, e reatando as suas tradições revolucionárias, liberais e progressivas, resultará o entrar, decididamente, no caminho franco das esquerdas sociais?

Ninguém o poderá saber. Nem a própria França. Nem os próprios organizadores da conspiração e do movimento que se maquina e se pretende desencadear. Nem o próprio orador de Marselha, não obstante a sua penetrante inteligência, a sua experiência da vida e o profundo conhecimento dos homens do seu país e da mentalidade e sensibilidade do povo francês...

S. C.

"Rixa Velha"

Por lapso, na página em que este esplendido conto vai publicado não vem o nome do autor.

«Rixa Velha» é de RUY SANT'ELMO

Os Jerónimos

O templo dos Jerónimos — a igreja de Santa Maria de Belem — foi mandado edificar pelo rei «Venturoso», no ano de 1500, sob o risco arquitectónico de João de Castilho, e essa edificação foi feita fronteira à praia do Restêlo, donde saíram, na demanda dos mares «nunca dantes navegados», as naus de Vasco da Gama.

Êsse edifício, êsse templo, é um padrão que vinca a nossa história marítima, a nossa grandiosa era das descobertas, que deram ao pusilânime rei D. Manuel I o cognome de Venturoso. Venturoso foi êsse rei, sim, porque teve no seu reinado homens-valores, teve no seu reinado o espírito-conquista, teve no seu reinado o eco da voz grandiosa do Infante de Sagres — o Infante D. Henrique.

Depois do convento da Batalha, a melhor obra de arquitectura de Portugal é, sem dúvida, os Jerónimos.

As areias do Restêlo, donde a esquadra partiu, sob o comando do almirante Vasco da Gama e do sub-comando de Pêro de Alenquer, é, hoje, a Praça de D. Vasco da Gama.

É sempre tempo de reviver a História. Por isso nós, que, a tantos séculos distantes, temos o apreço pela figura bem portuguesa, bem militar do Infante D. Pedro — o Regente — filho da maior Rainha de Portugal, D. Felipa de Lencastre, não escrevemos nunca o nome do Rei D. Manuel I, sem mágoa. D. Manuel, o neto dessa Rainha, o filho do fraco rei D. Duarte, que imolou os irmãos à preponderância amorosa que sôbre êle tinha a mulher D. Leonor, tem a escurecer-lhe os arminhos do manto e a dar azebre no ouro da corôa, a morte do Regente, o assassinato de Alfarrobeira.

Nunca entrámos nos Jerónimos e pensámos no rei D. Manuel I sem aos olhos nos chegar a figura grandiosa do Infante, seu sogro, do Infante D. Pedro.

Rei Venturoso, não; Portugal Venturoso, sim, porque o Portugal dêsse tempo teve a ventura de lhe terem pisado as terras os Homens mais ilustres de tôda a sua vida de nacionalidade.

O edifício dos Jerónimos é grandioso e, com todo o seu estilo manuelino, define a época dos Descobrimentos marítimos.

A igreja, dos antigos monges de Belem, é vasta nas suas naves, mas é um pouco escura, por a luz ali entrar apenas coada pelos vitrais, de côres, que, dando-lhe característica, lhe roubam a luz.

É um dos edifícios mais visitados pelos estrangeiros, visita a que as suas portadas se abrem todos os dias.

No edifício está há muito instalada a Casa Pia de Lisboa, assim como serve de nosso Panteão.

Nêle estão, entre outros, os túmulos do genial poeta Guerra Junqueiro, do brilhante romancista Eça de Queiroz, do mimoso lírico João de Deus e do presidente da República Sidónio Pais.

Quando falamos nos Jerónimos, chega, sempre, até junto de nós, essa época grande, do Portugal maior, do Portugal que deu lições ao mundo, do Portugal que foi padrão no mar e na conquista.

É, talvez, por isso que, nêste tempo de desprendimento, nêste tempo em que muitos dos novos desconhecem o valor dos velhos, estranhamos sempre, ao passar, de simples «eléctrico», pela porta do Mosteiro, que todos os olhos se poisem no edifício, que todos os olhos admirem a arquitectura com recolhimento e evoquem com respeito a razão do monumento. Estranhamos pelo alheamento da época que vivemos, mas essa estranheza envolve a admiração por sentirmos que, ao passar ante o monumento das nossas descobertas, haja quem se curve e se descubra, quem, no olhar que lhe dirige, dirija uma homenagem.

É que o monumento dos Jerónimos é grande e essa grandeza fala a todos nós. O frio das suas naves, quando nelas se entra, tem qualquer coisa que impressiona e que domina. A pouca luz que o sol dá ao claustro impressiona e fala-nos de heroísmo, mas de heroísmo sem alarde, de heroísmo sem vaidade!

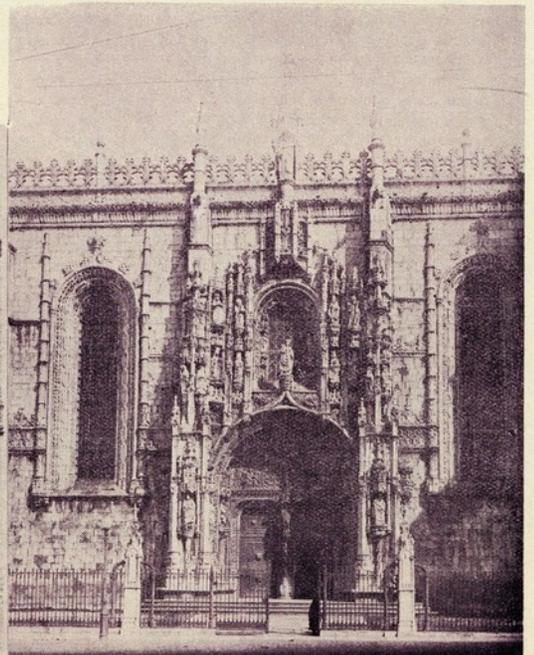
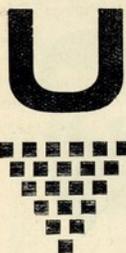
Muita vez, quando os regimentos de Belem, quási sempre os Lanceiros da Ajuda, pelas oito horas da manhã, aos domingos, entravam na igreja dos Jerónimos, para a missa regimental — o bater das lanças, o tinir das espadas, os toques dos clarins, ao «levantar a Deus», e a voz do seu comando, soava, cavamente, pelo claustro, onde um eco lhes respondia, como o som das armas do passado, onde ressoava o toque de guerra dos que, de lança em riste, dali haviam partido para a conquista, e cujas almas vieram, mais tarde, abrigar-se no mosteiro.

Jerónimos, monumento a herois, onde se conserva a voz dos herois de Portugal!

F. B.

(Fotografias «Foto-Portugal»)

A PÁGINA DOS NOVOS

ALGUMAS PALAVRAS QUE A JUSTIFICAM

MA colónia é um povo que nasce, que se forma, que se afirma, que se desenvolve. Embora ligada à Mãi-Pátria por estreitos laços sentimentais, ideológicos, económicos, políticos, etc., deve procurar viver — tanto quanto possível — de si própria e para si própria, sem nunca perder de vista essa pátria distante a que a prendem todos êsses laços, e, portanto, sem deixar de manter com ela todo o intercâmbio. Mas deve, na verdade, esforçar-se por bastar-se a si própria, fomentando a riqueza, criando as melhores fontes de recursos, estabelecendo, com segurança, tôdas as formas de progresso — conseguindo, sobretudo, a sua individualidade.

A Colónia de Moçambique adquiriu já um tal desenvolvimento e possui já no seu seio núcleos tam importantes de população portuguesa, que deve considerar-se como a caminho da maturidade, vivendo numa adolescência prometedora. É necessário, pois, criar-lhe e deixar-lhe desenvolver as suas fôrças espirituais, a sua cultura, a sua literatura, a sua arte.

■ ■ ■

Nós não pertencemos ao número dos cépticos. Somos daqueles que tôda a sua vida têm tido um Ideal a acompanhá-los. Sentimos mesmo a necessidade de acreditar em alguma coisa e de nos dedicarmos a ela. E, das esperanças mortas, das suas cinzas, fazemos renascer novas esperanças, constantemente. Não podemos viver sem um estilhaço de crença.

Não. Nós não pertencemos ao número dos cépticos. Nada temos de comum com aqueles espíritos — aliás muitas vezes superiores e de larga cultura e erudição — que, increpados sôbre a sua falta de contribuïção espiritual para a colectividade, respondem, entre duas fumaças de um saboreado cigarro:

— Não. Nada tenho escrito. E resta saber se a «espécie» é merecedora de qualquer esfôrço nosso, se vale a pena escrever para ela.

E nós entendemos que sim, que vale a pena, que a «espécie» é merecedora dêsse esfôrço de tais homens. Mais: entendemos que é dever dêles produzir, vir iluminar com a sua inteligência, a sua cultura, a sua arte, os espíritos que necessitam dêsse amparo. E, depois, é uma forma de liquidar ou, pelo menos, de amortizar uma dívida que têm em aberto para com a sociedade, pois devem dar a esta, em troca, alguma coisa que vá equilibrando o muito que dela recebem.

Outros — também belos e cultos espíritos — se a gente lhes diz: — Então, o meu amigo não escreveu nada! Contava com a sua colaboração e faltou-me!... — respondem-nos assim:

— Cada vez me sinto com menos coragem para escrever. Olho para cima, para os génios, para os talentos, e, ao ver as suas obras cheias de formosura e de grandeza, falta-me de todo o ânimo. Não vale a pena escrever...

E, quando lhes ouvimos esta explicação — que não sabemos se traduz excessiva modéstia, ou se serve apenas para justificar, perante êles e perante os outros, o seu desinterêsse e a sua inércia — costumamos objectar-lhes:

— Faça como nós, que não olhamos nem para baixo, nem para cima. Olhe para os lados, para aqueles que estejam sensivelmente ao mesmo nível.

Reconhecemos, hoje, que talvez não tenhamos respondido bem.

Relendo, há dias, um livro de Emile Faguet, da Academia francesa, encontrámos lá estas opiniões que se haviam apagado da nossa memória:

«Il ne faut pas se livrer beaucoup à cette volupté (a ler os maus escritores e a divertir-se com os espíritos inferiores e com os imbecis). C'est un plaisir de malice qui est très sec et très desséchant et qui rend l'esprit très aride. A ce jeu, on s'habitue à un immense orgueil et à se considérer comme infiniment supérieur, ce qui d'abord est assez déplaisant, et ce qui ensuite rend très peu capable de grandes choses; **car c'est en regardant en haut qu'on fait effort et qu'on tire de soi tout ce qui est possible qu'on en tire.**»

Tem razão Emile Faguet. É precisamente para cima que nós devemos olhar, para aqueles que valem mais do que nós, que produzem melhor do que nós. Só assim, olhando-os, lendo-os, admirando-os, poderemos fazer o esfôrço de dêles nos aproximarmos — sem, todavia, perdermos a nossa individualidade. Só assim poderemos tirar do nosso espírito criador o máximo que êle fôr capaz de produzir; e nunca devemos entristecer-nos e desencorajar-nos por não conseguirmos erguer-nos às alturas em que êles vivem.

■ ■ ■

Ora, se (àparte raras e honrosas excepções) alguns dos melhores espíritos, alguns dos melhores valores da «élite» da Colónia, por uns ou por outros motivos, assim se desinteressam da obra de cultura a realizar cá dentro; se com êles não podemos contar para essa salutar e dignificadora acção, temos que caminhar com os poucos que estiverem dispostos a acompanhar-nos, e temos, sobretudo, que abrir caminho aos «novos». Isto não pode parar.

A Colónia de Moçambique — repetimos — atingiu já um tal grau de desenvolvimento, que é indispensável que ela crie e avigore as suas fôrças espirituais. Bom será que ela consiga formar a sua literatura própria, uma literatura acentuadamente colonial, africana. Não lhe faltam, para isso, elementos e motivos de inspiração: a sua paisagem, a sua fauna, as lendas, as tradições e os costumes dos indígenas; o viver das populações europeias — portuguesas ou não — nos centros e aglomerados mais desenvolvidos, como nas grandes extensões de mato quási despovoadas de brancos; a acção e viver dos pioneiros; a acção das gerações passadas na obra da ocupação e da conquista, etc. Mas, quando assim não seja, que, ao menos, parta daqui um movimento literário que vá insuflar certa vida às letras pátrias e seja uma demonstração da mentalidade das populações que formam esta Colónia, da nossa sensibilidade, da nossa cultura e do nosso amor pelas letras.

No meio dessa mocidade absorvida pela vida desportiva, pela cultura física, tomada apenas de entusiasmo pelo esfôrço muscular e pelas «estrêlas» e «astros» do cinema, alguns moços há — que nós conhecemos — que têm desejos íntimos e veementes de cultivar o seu espírito e que experimentam sàdias aspirações criadoras. Não matemos nêsses moços — e em tantos outros e «outras» que podem vir a revelar-se — as ansiedades criadoras da sua inteligência e da sua sensibilidade. Não os deixemos isolados, abandonados, sem amparo e sem incitamentos. Pelo contrário: ajudemo-los, criemos-lhes ambiente, demos-lhes a mão, deixemo-los entrar, recebamo-los como hóspedes bemvindos, rodeemo-los de uma atmosfera que lhes inspire confiança e lhes permita o fazer desabrochar o sonho que trazem na alma!

E pode ser — quem sabe?! — que êsses rapazes, devidamente amparados por prudentes conselhos (que, todavia, não lhes asfixiem a sua maneira de ser, a sua originalidade, a sua personalidade formada, ou em formação), tenham a dizer-nos alguma coisa de novo, tragam, em suma, uma seiva nova à velha árvore da nossa literatura. Mas, mesmo que êsse renovamento juvenil se não traduza em novas formas, em novas florações, poderão êles «fazer-se» e — substituindo aqueles que, podendo e devendo escrever, não escrevem — vir a enriquecer, num futuro mais ou menos próximo, as letras portuguesas.

Ficarão alguns pelo caminho? É possível. Foi sempre assim. Mas outros lá chegarão, por certo, olhando, como aconselha Emile Faguet, para o alto, para cima, bem para cima — para aqueles que, tocados da graça divina, nos deslumbram com a sua divina Arte e são astros cuja luz nos ilumina e nos guia através das belezas e das fealdades da Vida.

■ ■ ■

Orientado por esta ordem de idéas e de considerações justificativas, «O Ilustrado» vai trazer, doravante, em todos os seus números, «A Página dos Novos».

Nela terão guarida as produções dos moços, que, pela sua concepção e forma, sejam já dignas de um acolhimento benévolo e carinhoso, ou da justa e grata admiração dos velhos.

Têm a palavra os «Novos»! E oxalá que sejam bastos e bons aqueles que apareçam a esmaltar esta página com as flores matizadas e frescas da sua inteligência, da sua sensibilidade emotiva, da sua fantasia e da sua nascente observação da vida!

Só nos regozijaremos e orgulharemos por isso.

A mocidade da Colónia — rapazes e raparigas — tem, assim, ensejo de mostrar que possui uma alma que sente e que interpreta os ecos da vida que a rodeia; um cérebro que pensa, que raciocina e que produz. E «O Ilustrado» só ficará satisfeito por assim contribuir para a revelação e afirmação dêsses novos valores.

■ ■ ■

Uma observação:

Os nossos jóvens colaboradores não devem esquecer que as suas produções literárias não podem exceder a página que colocamos ao seu dispor.

Estrelas de Hollywood

As estrêlas cinematográficas são as mulheres que mais retratos possuem, e em cada um dêles há sempre uma expressão nova que as torna cada vez mais refulgentes, cada vez mais lindas.

Damos nesta página o grupo feminino de ouro da Metro, que, presentemente, está de posse da adoração do público e que brilha na constelação do cinema de todo o mundo.

São elas, de cima para baixo e da esquerda para a direita: *Jean Harlow, Joan Crawford, Greta Garbo, Jean Marsh, Marion Davies, Jean Marsh em mais duas atitudes e Maureen O'Sullivan.*

Lições de coisas

Como eu vejo o "Notícias" por dentro

Cinco horas da tarde. Surrateiramente, o sol encaminha-se para as bandas da Matola. Vai aborrecido da vida, bilioso, neurasténico, cansado de alumiar todo o santo dia uns ingratos que nem o chapeu lhe tiram. Dir-se-á que também levou corte nos vencimentos...

Passam velozes os «machimbombos», a buzinar, furiosos, como se no horizonte assomassem já os possantes «municipais», que lhes hão-de acabar os dias. Transportam a dactilógrafa sonhadora à monotonia do lar e o funcionário barrigudo ao seio da família. Por isso vão contentes.

À porta do «Notícias», o capitão Vaz, seu proprietário e orientador, compra pêcegos a um «monhé». É o seu chàzinho. Lá dentro, na redacção, ninguém ainda. As mesas defrontam-se com aquele ar sonolento de quem não tem que fazer. Daqui a pouco, deslisará, ágil, sôbre elas, a «Watterman» do repórter ou do redactor, a alinhar, em extensos «linguados», as notícias do Império, os salsifrés dos clubes e a reportagem sensacional do Pequenino que papou o carapau da Messissa ou da Messissa que enfiou um tacho pela cabecinha do Pequenino...

Na casa ao lado, na Administração, o camarada Augusto, aprumado e atento, faz somas de quilómetro com a mesma admirável serenidade com que o administrador avarento seca as mãos ao sol para não gastar a toalha. Chama-se Barbosa mas já a todos declarou que não é dêsses...

Começa chegando o pessoal. Vem primeiro o Willy, repórter moderno e arrojado, que tudo sabe, tudo vê e tudo diz, espécie de alavanca do progresso que põe em marcha o jornal. É o empregado mais novo da casa. Sem êle, contudo, como poderia saír o «Notícias»?

Mal se senta à secretária, o telefone retine impertinente. Willy atende, mal humorado. Do outro lado da linha, quem quer que é deseja, por certo, saber com quem fala, porque o nosso Willy carrega o sobrolho, olha em volta, perscrutador, e, não vendo ninguém, responde com desassombro:

— Aqui é o chefe da redacção!

Chegaram mais empregados.

Na mesa do fundo, o Baldaque curva-se sôbre a «Hora do Chá», eternamente hesitante entre as loiras e as morenas e acabando sempre por amar umas e outras — como a si mesmo. Das almas grandes, a nobreza é esta... Escreve e fala ao mesmo tempo, sob o olhar desdenhoso do Montez, que parece andar magicando substancioso artigo. Talvez uma filosófica digressão sôbre o regresso à caverna, talvez — ¿quem sabe? — alguma erudita tirada sôbre a influência do «piri-piri» na consolidação do Império...

Sôbre o primeiro tema já um dia o ouvimos:

— O homem despoja-se dos seus atributos, põe de parte o confôrto que lhe deu o progresso e tôdas as diabólicas complicações que lhe trouxe a civilização, para rehaver a sua perdida felicidade, que, afinal, só consegue ao voltar á caverna, nu e peludo, em fraternal convívio com o macaco, seu compadre...

Encosta a face à mão seráfica, estende as pernas infinitas por baixo da mesa, fita um ponto no espaço e assim fica, por muito tempo.

Sonha? Dorme? Não, medita apenas. A meditação é o seu forte.

Ao lado, o Neves Dias transpira. Pequenino e nervoso, aceita os papéis de todos, recebe actrizes, reclamantes, informadores, fazendo, muitas vezes, das tripas coração. Escreve, corta, risca, ralha e rasga. Sempre o conhecemos assim.

Dum lado e doutro, surge, a cada momento, o Almeida.

É o chefe da tipografia e o pesadêlo da redacção. Indica com os dedos a porção de original que lhe falta e, para conseguir os seus fins, não recua perante nenhum excesso: mete-se nas conversas, despede amigos, afasta conhecidos, interrompe as mais saborosas palestras. Ora quere mais um telegrama, ora precisa de mais uma coluna, ora declara que o artigo saíu demasiado comprido... Muito antipático! Para êle, é tudo uma questão de metro.

E o tempo passa...

Às sete horas chega o Arnaldo, fotógrafo e repórter universal. Como sempre, vem atrasado. Transpira, está encarnado que nem um pimentão, fala alto, gesticula. Com certeza viu a Baía a arder ou o Pepino a fugir pelo fundo duma agulha. Afinal, trata-se daquela emocionante história duma velha que tinha um gato!...

O capitão Vaz, que o conhece como aos dedos das mãos, é que se não deixa contagiar pelo entusiasmo da descrição e pregunta, cruel:

— Então, que «aldrabice» é essa? Porque é que o senhor veio, hoje, tam tarde?

À inesperada pregunta e, mais ainda, ao tom céptico em que é feita, Arnaldo perde a linha e declara, confundido:

— Peço desculpa. Hoje... hoje, houve um caso sensacional que não consegui desvendar.

Gargalhada geral, pois tôda a gente sabe como aquele «hoje» já tem foros de perpetuidade.

Aproxima-se, agora, o dr. Sobral de Campos. Vem nervoso, excitado, com vontade de enforcar todo o pessoal do «Notícias». E tem carradas de razão. É o velho problema do suplemento. Ontem, havia gravuras para todos os paladares e faltava a literatura. Hoje, há prosa e versos aos cardumes, aos metros, às montanhas... mas faltam os bonecos!

— Como é que os senhores querem um «Ilustrado» sem ilustrações? — pregunta, cheio de indignação.

O capitão Vaz, porém, é pessoa que tudo remedeia.

— Faltam-lhe fotografias, doutor? É fantástico... Mas, tenho-as aqui às dúzias, às centenas! Olhe, olhe... cá está a Marlene... que lindas pernas!

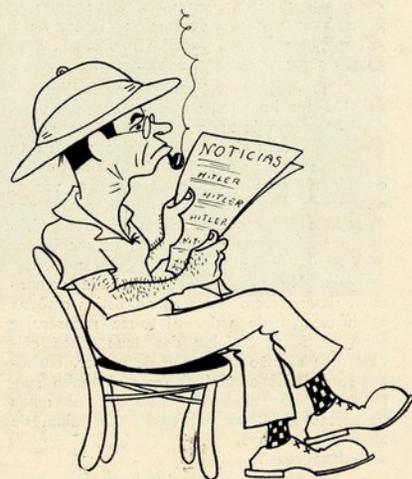
O bom do nosso doutor não quere ver nem ouvir mais. Cala-se, assume um ar desgostoso e afasta-se, cabisbaixo e aborrecido.

Dez horas da noite... Agora sim, agora é que é trabalhar.

Não há lugar para visitas, não se toleram conversas. As provas vêm chegando, aos montões, e é preciso ver tudo, ler tudo, emendar tudo, mas depressa, muito depressa, que a tipografia espera... É o trabalho mais ingrato da redacção.

O leitor não perdôa «gralhas» e é tam difícil, naquele niagara de letras e com os olhos já cansados, não deixar uma palavra trocada, uma letra fora do seu lugar... Sobretudo aqueles anúncios do John Orr ou do Fabião, com muitas «étamines», com muitos «organdis», são de estarrecer! Valem por vinte anos de degrêdo em possessão de segunda classe!

Emfim, acabou-se. Está pronta a revisão. Daqui a pouco, o Camilo, gorducho e bom rapaz, começará a imprimir.

Algumas horas depois, ainda na doçura dos seus lençois ou já a caminho do emprêgo, o «leitor assíduo» comprará por três quinhentas o produto do trabalho de tantos homens, e, quando tiver lido quanto lhe interessa — as crónicas dos distritos, os artigos dos colaboradores e correspondentes, os telegramas da nossa terra e da estranja — e visto tôdas as informações de que carece — o navio a saír, a farmácia de serviço, as fitas dos cinemas, o dia da liquidação, a noite do baile, a hora da consulta, o resultado do desafio, o despacho do requerimento, enfim, as «Partidas e Chegadas», os «Factos e Reparos», os «Acidentes e Incidentes», a «Crónica da Cidade», a «Hora do Chá», a «Página Feminina», a «Página dos Miudos», exclamará, com o seu ar enfadado:

— Afinal, êste «Notícias» não tem nada que se leia!...

XAVIER VALENTE

A Inspiração

(Nocturno)

> «Dans la marche incessante vers l'avenir, la douleur sert de station d'arrêt.»
>
> JEAN FINOT

— HÁ dias que te estranho. Não sei que te encontro...

— Estou triste.

— Mas porquê?! Não percebo... Agora que a felicidade te sorri...

— Por isso mesmo.

— Não te entendo. Estás triste porque és feliz!... Isso é curioso...

— Será. Mas é a verdade: estou triste precisamente porque sou absolutamente feliz.

— Estranha coisa!

— Não é. O meu espírito, a minha alma haviam-se habituado, há muito, ao sofrimento, à dôr. No meu triste isolamento, soturno e calmo como um túmulo, a minha alma sofria de si própria; vivia, a tôda a hora e todo o instante, da sua própria tragédia. E o meu espírito, mergulhado no ambiente dêsse drama íntimo, encontrava, nêle, e no drama dos outros, no drama da vida, fontes inesgotáveis de inspiração.

— Queres tu dizer?...

— Que perdi a inspiração. Nunca mais conseguirei escrever qualquer coisa que impressione, qualquer coisa que vibre e faça vibrar, qualquer coisa por onde a vida passe.

— Exageras.

— Não. Não exagero. Estou, hoje, — mais do que nunca — inteiramente convencido de que a dôr é indispensável aos artistas. A alma dos artistas precisa da sua assistência permanente. A dôr ennobrece-nos, purifica-nos e fecunda-nos a alma. A dôr é o humus onde a sensibilidade emotiva do artista mergulha as raizes mais profundas da sua Arte. E a dôr é, também, o sol ardente que há-de doirar-lhe e sazonar-lhe os frutos depois das florações magníficas, depois dos deslumbramentos coloridos das pétalas rescendentes...

«Aqui tens a razão da minha tristeza, desta tristeza que te parece tam estranha e tam paradoxal: sou feliz — matei em mim o artista. E o meu espírito e a minha alma, habituados, há muito, à dôr, amoldam-se, com dificuldade, a esta nova existência, tôda feita de equilíbrio, de harmonia, na ausência absoluta do sofrimento.

— Preferias, então, voltar atrás, desfazer o que fizeste, regressar ao teu isolamento, recolheres-te ao teu túmulo de há meses, passares sem mim?

— É curioso: não. Sinceramente te digo que não. E não há nisto exagêro, hipocrisia ou mesmo ilusão da minha parte. Não. Não há. Olha: Quando não estás junto de mim, quando a vida nos afasta, sinto que me falta qualquer coisa de muito querido e de muito bom que é, já hoje, para mim, indispensável. E a tua imagem, a tua sombra, um vago desdobramento da tua pessoa, segue-me, acompanha-me por tôda a parte. Mas não és tu ainda... Se estás presente, todo êsse mal estar, essa inquietação da ausência, ou êsse vácuo, desaparecem como por encanto, como nos contos de fadas que polvilharam de mistério certos recantos da minha alma de menino.

— Sou, pois, a tua fada...

— És. Na tua presença, na tua companhia, desaparecem tôdas as angústias e tôdas as incertezas da vida. Sinto-me renascer e sinto-me feliz. Na luz dos teus olhos calmos, que eu não me canso de sorver, encontro suavidades admiráveis que só tenho surpreendido nos olhos de crianças, nos olhos de certas mãis, na expressão dulcíssima de algumas Madonas.

— Exageras...

— Não exagero. Nessa tua boca, feita para beijos que são ressurreições; nessa tua boca rescendente a capitosos licores, mas que me recorda, também, a alvura imaculada das açucenas, há sorrisos frescos como de madrugadas virgens.

— Oh!

— A tua fronte possui o equilíbrio sereno de um dia de primavera. O teu corpo...

— Não digas...

— ... tem as linhas graciosas, harmónicas, perfeitas, de uma estátua que um sôpro divino, de súbito, animasse...

— Cala-te...

— Mas, mais que tudo isso, a tua alma prende-me, arrebata-me, toma-me todo. Essa tua alma, alva como a neve, ardente e luminosa como o sol, alta como as estrêlas, suave como o arminho, dôce como o mel, límpida como a água puríssima das rochas, modesta e perfumada como as violetas... E é essa tua alma, assim, que tem feito da minha vida, numa embaladora canção, — que as mãis deviam cantar junto dos berços — o jardim, sempre florido, da minha felicidade... igual...

— Mas essa felicidade não matou em ti o Artista.

— Matou. Tristemente o reconheço. Nunca mais...

— Não. Não matou, nem matará. Agora mesmo, sem reparares, a conversar comigo, sem pretensões, espontâneo, sincero, tu vibraste, foste Poeta, foste Artista.

— Não. Fui apenas o enamorado, o amante, o homem que se sente absolutamente feliz na companhia de uma mulher. O que em mim falou não foi a Arte — foi o Amor. Êste amor que tu fizeste miraculosamente renascer das cinzas do Passado, que tu acordaste, reconstituiste, ergueste dos escombros da minha alma desfeita por mil tempestades. Orgulha-te disso, mas não pretendas iludir-me carinhosamente; não queiras trazer-me um bálsamo, que não possuis, para esta triste verdade: A Inspiração morreu. Nunca mais... Só a Dôr alimenta os sonhos grandes do Artista, só ela pode doirar e sazonar os frutos da sua emotividade e do seu pensamento criador.

— Não digas isso! Permite-me que discorde. Eu não penso assim...

— A Felicidade é inimiga da Arte. São antagónicas, são rivais, odeiam-se e destroem-se. Um homem feliz, um homem que não sofra, nunca poderá afirmar-se como um Artista, nada poderá criar de grande, de perdurável, de humano, de formoso, de emocionante.

— Sim. Um homem que nunca tenha sofrido, talvez... Tu, não, que já sofreste e muito. Tu, não, que já viveste, anos seguidos, como num túmulo, sentindo à tua roda apenas fôlhas sêcas, troncos nus, destroços, cadáveres de corações — do teu e dos outros — embora sangrando ainda os seus sofrimentos passados, as suas torturas, as suas tragédias. A ti, pelo contrário, só pode beneficiar-te, agora, o saires dêsse sepúlcro, o voltares as vistas para a vida de que andaste arredado, aspirares êste ar novo, puro, vivificador...

— Fala. Continua. Nunca te ouvi assim!

— ... O sentires a beleza dêstes novos horizontes, o descansares a alma e o espírito à sombra das ramagens dêste jardim. A Dôr e a Felicidade completam-se. Não basta conhecer uma delas. Da sua união nasce o esfôrço, a energia, o verdadeiro sentido da Vida, a Alegria. E, se a Dôr é indispensável à Felicidade, para que o homem a saiba apreciar, dar-lhe o verdadeiro valor, vivê-la em tôda a sua pureza — também a Felicidade deve ser necessária ao Artista, para não fazer da Vida, através das suas obras...

— Acaba!

— ... qualquer coisa de tam trágico, de tam sombrio e de tam árido, que a gente saia dessas obras com horror à Vida.

— Ó mulher! Ó bálsamo! O' Felicidade! Sê tu a minha Inspiração!

— A Inspiração está na Vida. No seu equilíbrio, na sua harmonia feita de desequilíbrios. O teu talento, a tua experiência e a tua sensibilidade saberão encontrá-la. Eu sou apenas a mulher, a companheira, a amante — uma amante, uma companheira, uma mulher que não receia essa rival: a tua Arte.

— Querida! Deixa-me sorver a luz dêsses teus olhos calmos e o nectar precioso dos teus lábios!

(Uma brisa suavíssima passa... Um raio de luar brinca na janela... Beijos...)

HÉLIO

(Ilustração de Vilela)

FRIZO

Esperar...

Não deve tardar. Um minuto mais e ela virá, com a magia da sua presença, da sua graça, mitigar esta imensa saüdade de quási dois dias...

Não deve tardar... Parece-me já ouvir ao longe o seu passinho apressado, parece-me já distinguir, na meia-luz do crepúsculo, a sua figura alta e flexível, em que há linha e distinção e raça...

Como de costume, passará, altiva, pelos olhares curiosos e, ao estender-me a mão enluvada, a sua boca florirá num sorriso, como nos jardins sorriem as rosas à luz festiva da aurora...

Um minuto só... Sinto já o seu perfume inconfundível, êste perfume que me alucina. Não deve tardar...

Vão-se, a pouco e pouco, amortecendo os vagos ruidos da rua. A escuridão é cada vez maior. Passam os últimos retardatários a caminho do lar. No meu peito começa a nascer uma estranha nostalgia...

Indago, prescruto as trevas, à espera de ver surgir no horizonte a silhueta querida, mil vezes querida. ¿Porque não virá ela?

Estou imóvel, quási não respiro. Mas os meus olhos não se despregam daquela esquina que não vejo dobrada por figura humana. Olho, escuto, ansiosamente...

No silêncio que me cerca oiço bater no peito o coração. Como o doido bate...

Ela nunca faltou. Veio sempre à hora combinada, a sua voz argentina não deixou jàmais de me vir desnoitar a alma. É um minuto só...

E novamente me ponho a antegozar a delícia de a ouvir, de a sentir junto de mim, como uma bênção, quási como um perdão...

Como de costume, as nossas vozes mal se vão ouvir. Falaremos baixinho, quási em segrêdo; e as doidas coisas que dissermos só as nossas almas as entenderão...

Mas é já tam tarde... Não virá hoje? Impossível. O nosso amor não concebe faltas. Há-de vir, com aquele sorriso que é o meu tormento, com aquele ar mimalho que é o meu enlêvo. Há-de vir. É um minuto só...

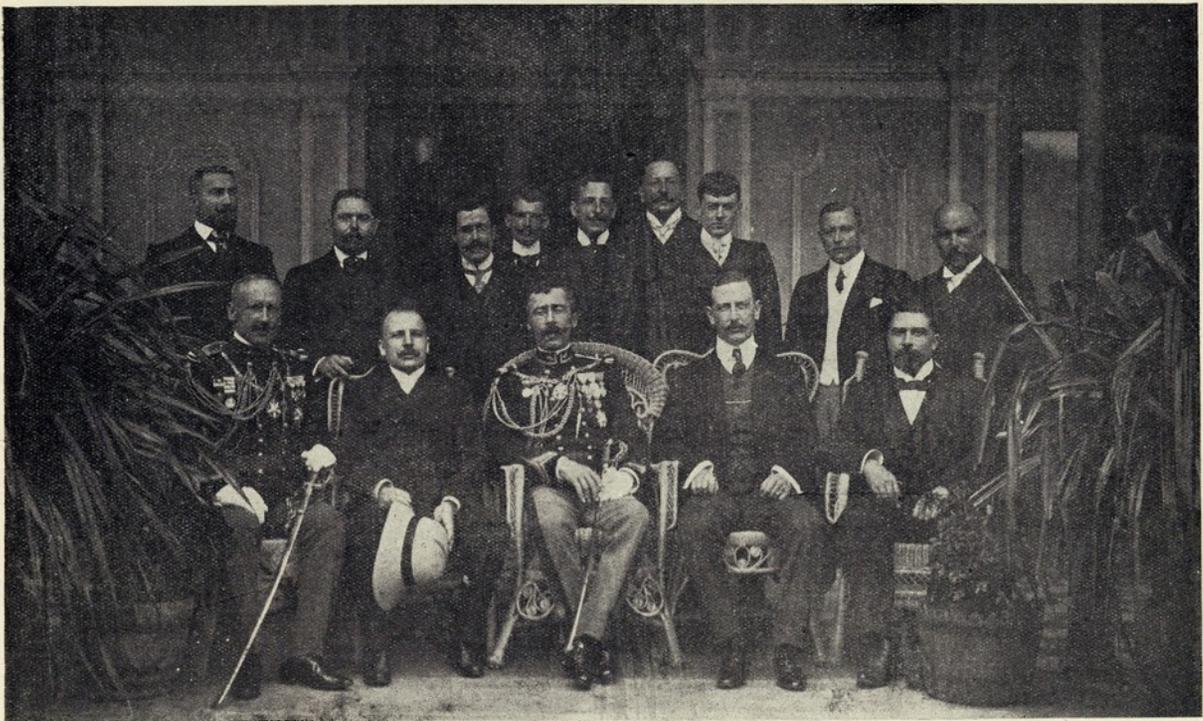
Já não há mais transeúntes. Acenderam-se as luzes, cruas, que me deixam meio sufocado, que me vêm arrancar do sonho. Vejo o relógio pela última vez. É tam tarde já... O meu coração entristece-se. Pela primeira vez a dúvida surge no meu espírito ansioso...

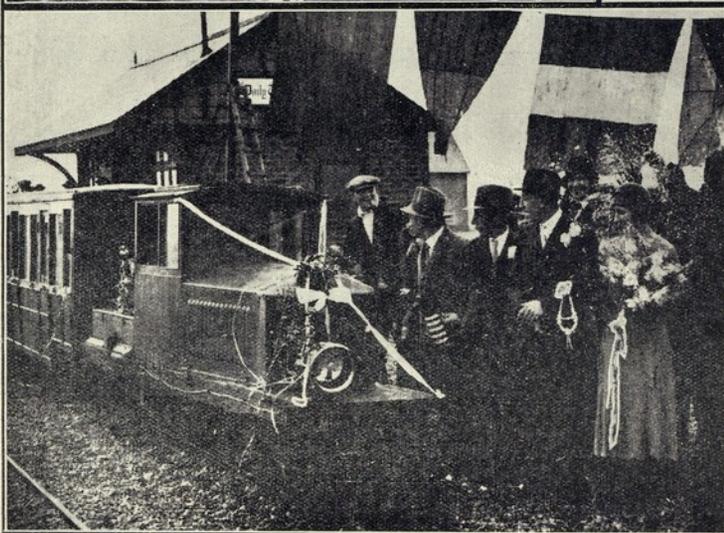
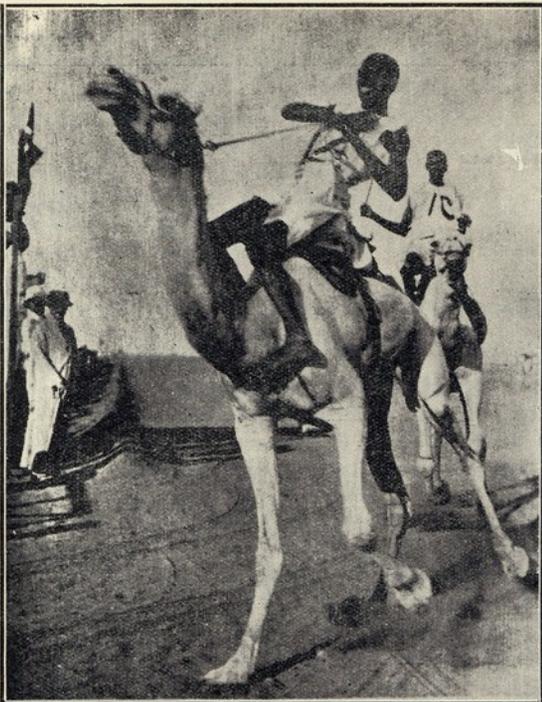
Passa ao longe o matraquear dos «eléctricos», como que a lembrar-me que mais uns tantos minutos passaram... para o esquecimento, para a morte...

Decididamente, não esperarei mais tempo. Vou levantar-me, vou quebrar o encanto... mas fico no mesmo lugar, na mesma espectativa, os meus olhos não se tiram daquela maldita esquina que não vejo dobrada por figura humana...

É só mais um minuto... um minuto só...

P. R.

Arquivando o passado

Da esquerda para a direita e detraz para diante: *Pedro Lencastre, Director da Alfandega; Dr. Angelo Ferreira, advogado; Dr. José Serrão de Azevedo, Chefe de Serviço de Saude; Bom de Souza, representante de Quelimane; Ernesto Torre do Valle, representante de Lourenço Marques; Leão Cohen, Presidente da Associação Comercial; Dr. Francisco Ferrão de Castelo Branco, Secretario dos Negocios Indigenas; D. Egas Moniz Coelho; Engenheiro Costa Serrão, Inspector das Obras Publicas; Coronel Baptista Coelho, Chefe do Estado Maior; Dr. Sousa Ribeiro, Secretario Geral; Coronel Freire d'Andrade; Dr. Garcia Marques, Procurador da Corôa e Fazenda; Leonel Cardôso, Inspector da Fazenda*

DO ESTRANGEIRO

De cima para baixo e da esquerda para a direita:

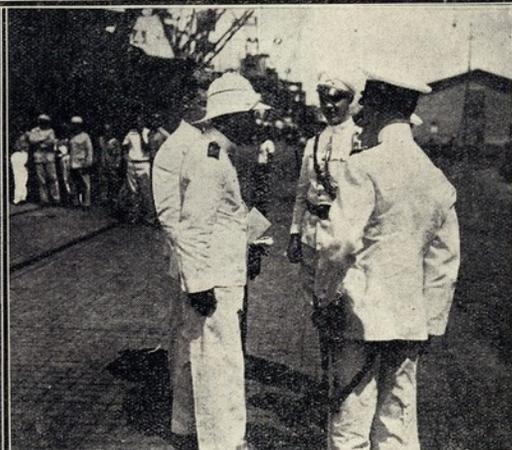
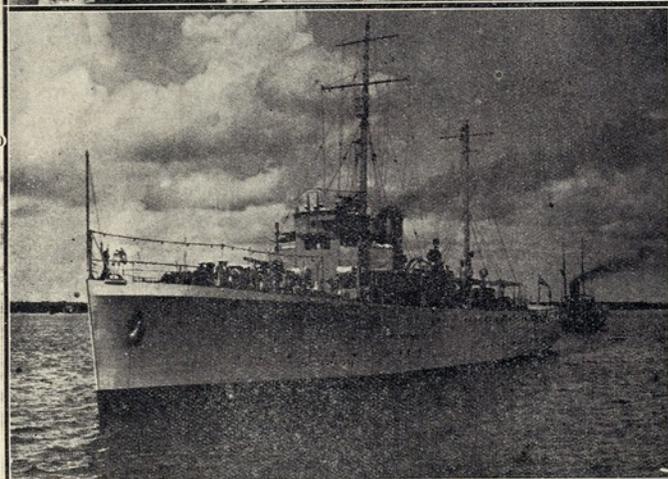
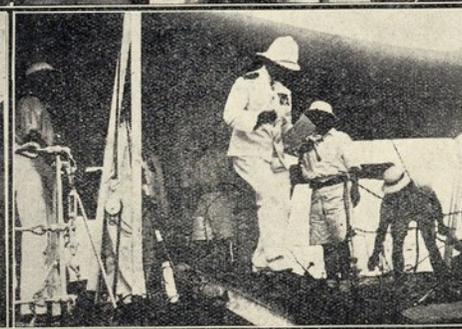
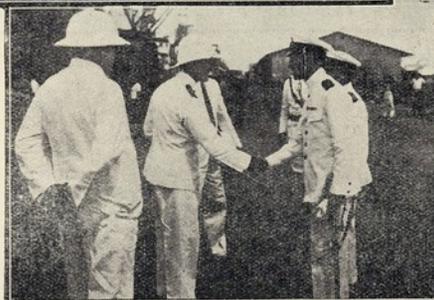
— Um gincana de camelos no Sudão;

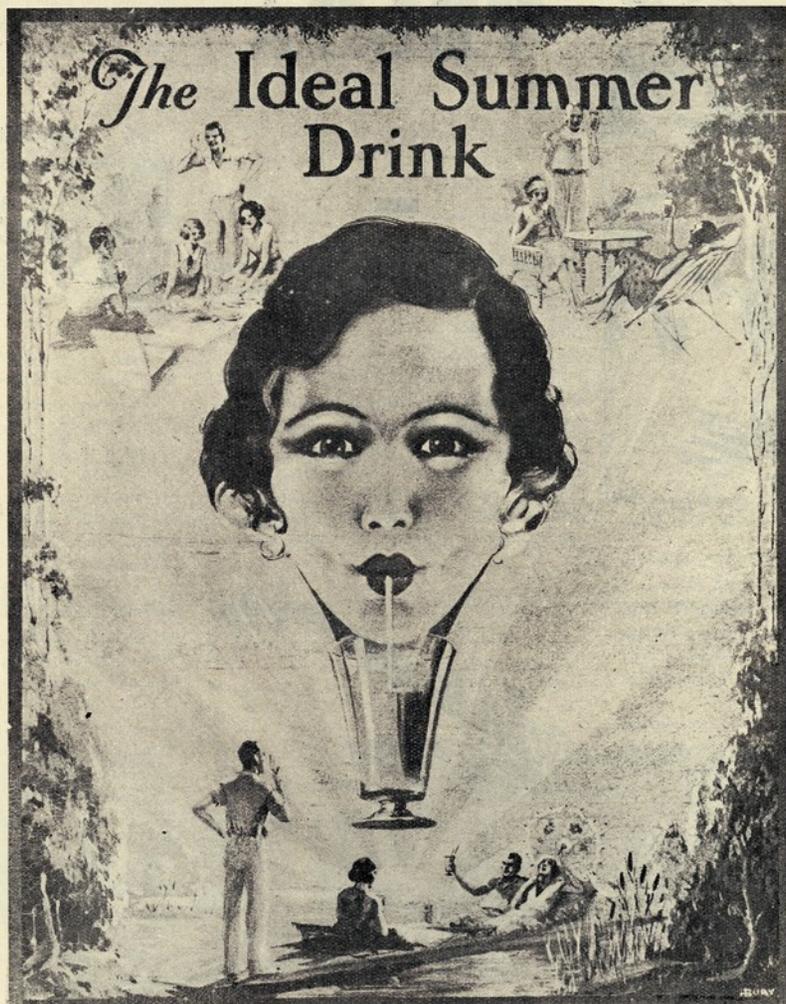
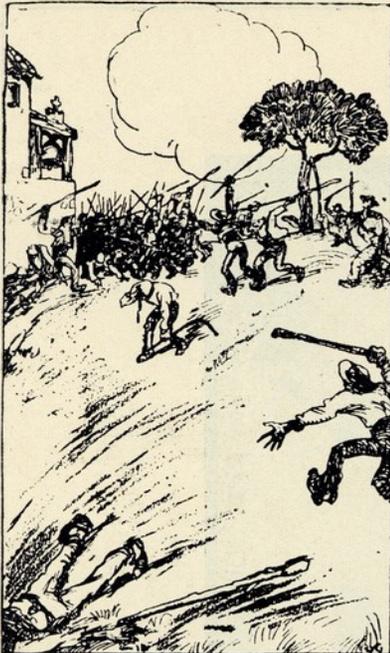
— O sr. Ronald Kaulback, com alguns dos preciosos objectos de arte que trouxe do Tibet, por onde jornadeou durante anos, correndo mil perigos.

— Na praia de Nice, em pleno Dezembro, as gentis raparigas francesas entregam-se ao prazer da gimnástica;

— Um aspecto do horrível desastre ferroviário ocorrido na noite de 23 de Dezembro, em Lagny, França, e em que morreram mais de cem pessoas;

— O combóio mais pequeno do mundo (pertencente à firma Romney, Hythe & Dymchurch-Kent), que não funciona durante o inverno, faz uma carreira especial para evitar que uns noivos... palmilhem três quilómetros!

Durante alguns dias, esteve, de visita, no nosso pôrto, o aviso de 2.ª classe, da marinha inglesa, «Weston», sob o comando do comandante H. L. I. Kirkpatrick. Nas gravuras: em cima, três aspectos do «garden party», oferecido, na residência consular, pelo consul geral de S. M. Britânica, sr. S. E. Kay, e sua esposa; ao centro — à esquerda, o «Weston», ao aproximar-se da ponte-cais; à direita, o sr. comandante Kirkpatrik, com o sr. tenente Pais, ajudante de S. Ex.ª o Governador Geral; em baixo, à esquerda, o comandante do «Bérrio», cumprimentando o comandante do «Weston»; à direita, o comandante Kirkpatrik, saindo de bordo para ir apresentar os seus cumprimentos a Sua Ex.ª o Governador Geral.

A visita do aviso inglês "Weston"

Era uma massa de homens e de cacetes, num reboliço·

RIXA VELHA

Noivado da terra... Toucaram-se as árvores de grinaldas; e, as borboletas, pagens vestidos de oiro, andam a trazer e levar «cartas de amor» entre os botões a abrir.

Vai o ar cheio de emanações asmas da seiva nova.

Rubros zumbidos de abelhas passam no ar, como crepitações aladas de beijos fecundos! Sentem-se estremecer os úberes do solo às sucções ávidas das raizes. E há quebreiras de volúpia nas searas que ondulam ao sôpro caricioso das brisas.

Noivado da Terra...

Primavera em flôr...

Acercava-se, entretanto, a festa à «Senhora de Março», transfiguração cristã de Flora promissora, primeira festa do ano.

Mas, inda bem se não falava em romaria, e já êle, de uma vez, topando de acaso, no cotovêlo dum córrego, com outro, dizia lampeiro:

— Zé! Tenho um rôr de cacetes êst'ano, que «Dês» te livre.

Eram tamaninos ambos, trigueiros, achamboados, cheirando a terra e flôres silvestres.

— Zambujo?

— E marmeleiro.

— Grossura como quê?

— Com'ó rabo desta enxada. Encalados, passa de dúzia.

— Altura?

— Que bonda p'r'a um «home».

— Pelos modos, o «enxêrto» é a valer.

— Aquele fi'de cabra ruiva... O dalém da ribeira. Há quatro anos que «andemos» desafiados. Não me escapa dêste. Que é que dizes? Dás ou não uma ajuda?

— O mais ruim se negue.

E o crepúsculo de Março caíu, naquela tarde, entre gorgeios idílicos, sôbre a aldeia perdida no meio de tojos e pedregulhos.

O sol, nêsse dia, era como um riso pagão da natureza, tôda em alacridades irradiantes de luz festiva.

Fizeram pelo campo silêncio os alviões. Tudo desandara, vestido de gala, p'r'à festa.

Por tôda a manhã foram chegando, de uma e outra banda, ranchos de romeiros cantando. E pelo adro da capelita, numa elevação erma, aqui e além se dispunham em grupos, à sombras das árvores. Sob a chapada fulgurante da calma, o arraial tem perspectivas deslumbradoras. Um júbilo vago anda no ar, que a todos se comunica e a todos excita!

Vai o ar cheio de rumores...

Cantares dispersos, toques de sineta, algarreio de vozes. Aqui e ali, capitosos cheiros de refogados, fermentações acres de vinhos.

À volta da ermida, o povoléu move-se como um formigueiro em mudança, aos encontrões, aos cotovelões, pondo ombros, sob uma poeirada fulva que sobe no ar, palhetada de pepitas de oiro.

Uma voz lamentosa levanta-se de onde em onde, acima daquele bruaá confuso. São pedintes à beira do caminho. A meter-se lancinadamente pelos ouvidos dentro, arrancam uma voz lacrimosa do peito sêco:

— Uma esmolinha, meu rico bemfeitor, pelo divino amor de Deus!

É a ronda lúgubre da miséria humana. Monstruosidades, anomalias, casos raros da fauna de hospital, que chegam a fulminar os nervos de revolta, antes que piedade, por tamanha crueldade da Natureza.

Êste não tem braços, aquele não tem pernas. Êste anda de gatas, as mãos pelo chão. Aquele tem as pernas reviradas, a pele sôbre o canoilo, os pés retorcidos.

Outro é cego de nascença. Tem uns olhos esbugalhados e baços, cobertos duma névoa cinzenta, a revolutearem para todos os lados. Êste dansa, uma dansa desengonçada de títere. Aquele expõe chagas purulentas, puando um cheiro de podridão. A ronda lúgubre... A ronda lúgubre da miséria humana...

Além um painel erguido ao alto atrai um adjunto de curiosos. É um grande e horrivel crime. Um cego vai glosando à viola, numa voz que arranca em falsete do peito, aquela história trágica do «filho que mata seu pai e sete facadas «le» deu». O painel ilustra ao vivo os lances da tragédia. Do facalhão homicida, um nadinha maior que o assassinado, escorre sôbre a cal branca da tela uma ribeirada de tinta escarlate, que empoça

o corpo da vítima num mar vermelho, côr de papoila, horrível, de dez hecatombes.

Vem tudo explicado no folheto que êle traz dentro do colete e que o povo compra para dar a lêr.

O sol vai alto e a calma aperta.

De onde em onde, dansas de roda. À volta da guitarra, bailam os pares... bailam em roda... em roda bailam...

Fuuzilam centelhas nos olhos dos namorados e correntes eléctricas passam na cadeia das mãos dadas. Cantigas de amor crepitam na bôca rubra das raparigas, como borboletas adejando sôbre papoilas. Estralejam palmas ao ritmo das violas:

— E, todos viram! Viram todos...

E, vão virando! E, passa o par! E, uma volta! E, outra ainda! Ainda outra! E, três voltinhas!

A roda é um torvelinho de funâmbulos, girando em volta, numa vertígem. Erguem-se no ar núvens de pó, e êles passam, cada rapaz abraçado ao par, como num rapto, um fauno levando uma ninfa.

Pelos redores, ranchos dispersos entram nas comezainas. Família, parentes e aderentes.

Sob alpendres de sombra, debaixo das árvores, estendem-se as vitualhas. Êle é o frangão, o capado, o bacorinho tostado, os cuvilhetes de marmelada. O vinho é a rôdo, em borrachas, em pichéis, em cangirões. E, tudo ali come à tripa-fôrra.

Desbaratam-se generosidades com quem passa, conhecidos e achadiços. Pôs-se pedra em antigos agravos, reconciliaram-se malavindos, deitaram-se para trás das costas cuidados, inquietações, acabaram-se rezingas e malquerenças — que a vida são dois dias...

E, enquanto assim fraternizam, desbordando expansões de boa amizade, a roda dos bailadores vai girando:

— Agarradinhos! Todos ao centro! Ao centro todos!

E, vão bailando... E, a roda baila, em ritmos de onda em baixa-mar, em baloiços de embarcações prêsa da amarra.

Quebram-se as cintas, arfam os peitos, bailam em roda... E, emquanto a roda vai assim bailando, ondulando, tremulando, um frémito de pânico percorre o arraial.

Não se sabe o que é, nem de onde vem. Mas, tudo se agita num impulso de fugir. O arraial é como um formigueiro escarmen-

tado. Vozes em grita levantam-se acima daquela confusão:

— Desordem! Desordem!

Atrafegadamente, restos de farnéis recolhem aos cestos. Há pratos quebrados, vinho entornado. Tudo foge, num alevante! Gritos de socorro, bôcas desgorjadas a gritar:

— Acudam! Ai, que se matam! Ai, que se matam!

Num abrir e fechar de olhos, o arraial pusera-se em fuga.

Nas traseiras da capelita, ficaram os desordeiros. Era uma massa de homens e de cacetes, num reboliço. Já se não percebia de fora quem eram os agressores e quem eram os agredidos.

Todos davam pr'a monte: «Zás», «trás»; «zás», «trás»; «zás», «trás»! A massa engrossa de momento a momento.

De todos os lados chegavam mais caceteiros, e punham-se p'r'àli a malhar.

De longe, era uma floresta de paus no ar, sarilhando. Puxavam-nos às mãos ambas: «zzt», «zzt», «zzt». Por vezes, o tumulto tinha silêncios lúgubres. Não se ouvia uma palavra... Só os paus entrechocando-se: «toc», «toc», «toc». Um ou outro, num salto lesto, lá conseguia desembrulhar-se, e vinha por fora atacar o grupo. Mas, logo à sua volta se cerravam outros em massa, e punham-se a dar, a dar à cega, a esgalhar. Há cabeças rachadas, braços partidos, fontes abertas, golfando sangue. Mas, ninguém ali se dá por vencido. Poreja-lhes o suor às bagadas da testa, misturado com sangue, escorrendo-lhes para a bôca. Mas, êles sopram-no, numa bafórada, e continuam: «zás», «trás»; «zás», «trás»; «zás», «trás».

Há jalecos no chão, farrapos de camisa, carapuças perdidas. Por onde passam fica o chão revolvido, escarvado dos pés. Sobe no ar uma poeirada remexida, que se esbate na altura, como numa núvem.

Desfeitos em suor, ensangüentados, cobertos de poeira, os pulmões piafando, êles lá continuam sempre: «Zás», «trás»; «zás», «trás»; «zás», «trás». É o fim do mundo. Não há mão nêles! Ninguém acode...

Já o sol se havia acravado no monte, enchendo-se de penumbra os vales. Sôbre a terra caía uma paz balsâmica. Por caminhos diversos chegavam os dois quási ao mesmo tempo ao lugar; e, ao reconhecerem-se, no lusco-fusco da tarde:

— Zé! Que te dizia? Se anda à roda de quatro anos que «andemos» desafiados...

(Do livro em publicação "ALMA RUDE")

Ilustrações de Leal da Camara

Pinceladas...

(Descritivo impressionista de Africa)

Céu de chumbo... Nem uma brisa... A ramagem espalmada das árvores, parada, tem um aspecto de sofrimento e parece pintada por um pintor louco, num quadro de côres sombrias... Silêncio... A atmosfera pesa... Sufoca-se... Entre umas núvens escuras, às vezes, rebenta a luz brutal de um sol de incêndio... E é como um cáustico o sol... Um cáustico sôbre uma chaga aberta no céu, um cáustico sôbre a terra asfixiada... Opressão... Inferno... Tragédia da Natureza... Sarrazina metálica de cigarras... Maldição... Tortura... Sêde... A vida parou... Ao largo, tôda a paisagem, o mato agreste, incolor, empastado, baço, é uma mancha de pântano, um borrão sinistro... Desolação... Ao longe, o céu, quando poisa, ao longe, sôbre o mato, parece feito de calcinações, de cinzas, de lavas... E escalda, queima-nos a pupila alucinada, esmaga-nos o peito, pára-nos o coração, imobiliza-nos a inteligência, fecha-nos a respiração, estanca-nos a alma... Maldição... Loucura... Sêde... Inferno...

A vida parou... O tempo parou...

....

De súbito... como um deus furibundo, como um demónio bêbado e raivoso, concentração estupenda de tôdas as fúrias represas do Universo, o vento solta-se, sacode a juba, corre, investe e tudo agita e convulsiona... Do sepulcro pávido das coisas renasce, caótico, nevrosado, epilético, um arrepio de vida — de vida tumultuária e confusa, espécie de Génesis vingativo e cruel...

Maldição... Loucura... Tragédia da Natureza... Inferno...

....

Noite...

O céu rasga-se... Clarões... Incêndios... Chamas... Riscos de luz potentíssima... Daqui, dalém, dacolá, de todos os lados... O céu é um brazeiro... O céu é um incêndio... Fogo... Fogueira imensa... Vermelho... Oiro... Anil... Prata ígnea... Deslumbramento... As descargas sucedem-se... Ribombos... Ecos... Estampidos sêcos... Ozone... Riscos de luz... Ramificações caprichosas de luz... Luz faìscante... Luz gloriosa... Feérie... Pavor... Tragédia...

E o vento sopra... E o vento baba-se de raiva... E do incêndio do céu, às catadupas, em torrentes, em cataratas, a água cai sôbre a terra, como se fôra repetir-se o dilúvio universal...

....

Madrugada... Céu límpido... Estrêlas que morrem. Estrêlas que se apagam. Estrêlas que adormecem, que fecham as pálpebras, tontas de sono... Claridade indecisa... Vaga expressão de luz... Coisas paradas que se animam... Árvores que estremecem. Árvores que erguem seus braços de folhágem à luz que nasce... Brisa... Brisa suave, brisa fresca, brisa ingénua, brisa infantil... Brisa que brinca, com seus dedos afilados e macios, entre as ramagens das árvores...

A claridade sobe, aumenta, acentua-se, alastra em gradações insensíveis... Vai invadindo tudo, corroendo, sugando, esgotando todos os recantos das sombras, definindo contornos, desenhando perfis, salientando linhas, marcando planos, desnudando côres...

Cheiro a terra... Perfumes que se evolam... Frescura... Alegria nascente... Seivas que despertam... Saúde... Esperanças... Cânticos... Asas...

Vermelhidão... Céu rubro... Manhã... Sol...

E o sol sobe, solene... Destaca-se, todo oiro, da linha da Terra... Quadro imenso a três côres: azul... oiro... verde... O azul do céu... O oiro do Sol... O verde da paìsagem, da paìsagem emmaranhada e selvática...

Manhã... Manhã grande e triunfal!

Manhã gloriosa! Alma-mater das coisas!...

....

Poente... O Sol, como uma moeda de oiro, descai, declina, precipita-se, rola sôbre a linha invisível da sua trajectória aparente...

E mergulha... e engolfa-se... e desaparece, aos poucos, numa hecatombe de luz...

Incêndio... Reflexos... Sangue... Tragédia... Tragédia de um deus de fulva cabeleira... — de um deus que todos os dias morre e todos os dias renasce na púrpura roçagante dos seus mantos, no clarão divino da sua luz sempre virgem...

E mergulha... e engolfa-se... e desaparece de todo... Os seus últimos reflexos rápido se extinguem, se apagam...

E o crepúsculo cai rápido, sem meios tons, fulminante, esmagador, no espasmo inquietante de tudo...

As cinzas do céu deslisam, entornam-se, soturnas, sôbre o mato... Tintas sombrias, pesadas, empastadas, oleosas, restringem cada vez mais o horizonte e tudo borram sinistramente...

Uma tristeza imensa sobe da Terra... Ansiedade... Arfar angustioso das coisas... Asas... Morcêgos... Silêncio... Maldição...

Ao alto, lá ao cimo, no céu, mão invisível vai polvilhando de sementes de luz a terra do céu...

Estrêlas... Silêncio... Noite...

SOBRAL DE CAMPOS

Da esquerda para a direita:

Para adoçar o olhar: um bonito veu, de crina natural, dá um chic extraordinário. — O preto e o branco nunca foram usados com um tão belo efeito como neste vestido de baile, de setim marfim e veludo preto, executado pela casa «Baroque» de Londres. — Elegante casaco proprio para automobilistas. O bisponto na gola, bandas e algibeiras dá lhe grande elegancia. O cinto de cabedal castanho condiz com o gorro. — Original «jaquette» de meia estação usada pela «estrela» Miriam Hopkins.

PREGUIÇOSAMENTE recostado num compartimento de segunda classe, o «C to C» pendente dos lábios sensuais, olhos semi-cerrados, «reveur», Rogério Santana viaja. Vai para Joanesburgo, gozar quinze dias duma licença bem merecida, ao cabo de muitos meses de trabalho porfíado nesta sensaborona cidade que é a capital de Moçambique.

Durante muito tempo, os seus vinte anos robustos sentiram-se asfixiar, morrer. Soara, porém, a hora da desforra. Aqueles quinze dias no coração do Transvaal iam compensá-lo de muita contrariedade, de muito aborrecimento, de muita agonia sentimental na aridez duma «república»...

Waterwal Boven... Machadodorp... Belfast...

Farto já de ver estações, Rogério Santana mal se debruça da janela para observar. Por debaixo daquele ar fingidamente «blasé» adivinha-se o enorme desejo de chegar ao termo da viagem, de entrar alfim na urbe luminosa que lhe não sai da mente desde a hora magnífica em que o patrão o chamara ao seu gabinete e lhe dissera, meio paternal:

— Sr. Santana: No mês que vem, pode ir gozar as suas férias!

Fôra um alvorôço. A partir dessa tarde, sôbre tôdas bela, os dias pareciam-lhe desesperadoramente lentos; mas, emfim, ali ia, realizando o seu sonho, feliz, contente, malas à mão, e, no fundo da carteira, muito aconchegadas, as trinta librinhas que a custo conseguira amealhar.

Vinham-lhe à lembrança, como um bom prenúncio, as mil aventuras que os amigos contavam lá na Praça 7 de Março. E, depois, o «Corner Lounge», o «Metro», o «Plaza», a «Eloff Street», o «Country Club», e tantas outras maravilhas, ia, agora, vê-las, disfrutá-las. Mais do que tudo isso, todavia, entusiasmava-o, perturbava-o, escaldava-lhe nas veias o sangue juvenil, a idéa das lindas, das meigas raparigas que não tardaria em conhecer. Com a imaginação excitada, antegozava já a hora dulcíssima em que com elas atravessaria parques e avenidas, de braço dado, como amigos velhos...

Middelburg... Witbank... Rayton...

Extinto novo cigarro, Rogério levanta-se, dá algumas passadas no estreito corredor da carruagem, aspira com volúpia o ar fresco que entra pelas janelas. Apetece-lhe cumprimentar todos, falar com todos, gritar a todos a sua satisfação. Oh, a delícia de viajar! No fundo do seu «Rolls-Royce», em regalada vilegiatura pela «Côte d'Azur», ou no movimentado «deck» dalgum luxuoso transatlântnco, em tarde de jogos e de cosmopolita alegria, não é mais feliz o banqueiro opulento...

Silverton... Rissik... Pretória...

O aspecto dos campos é, agora, menos monótono. Há casas com maior abundância, de onde em onde levantam-se os montes de areia branca que a cubiça dos homens revolveu em que transformou milhões de toneladas do precioso minério. Sôbre êles segue, vagarosa, a longa fila das vagonetas, no seu eterno vai-vem. Noutros, não há movimento, não há sinal de vida. São minas abandonadas. Ficaram como postes gigantescos a assinalar uma época de ambição humana.

Olifantsfontein... Kempton Park... Germiston...

As chaminés, cada vez mais altas e mais numerosas, indicam que já não vem longe o grande centro. E, com efeito, o andamento do combóio começa a diminuir, a massa pardacenta da estação está cada vez mais perto. Entra-se devagar nas agulhas, as carrugens esvasiam-se como por encanto... Por têda a parte, os correctores atiram os nomes dos respectivos hoteis: o «Carlton», o «Grand National», o «Long's», o «Rissik», o «Elgin»...

Rogério já tem o plano formado. Irá para o «Victoria», onde a diária é moderada e a situação magnífica. A sua volta há risos e abraços, gente apressada que segue aos seus destinos. Sòzinho, entre tanto desconhecido, tem, mau grado seu, um estremecimento, um como que leve arrepio de despeito. Instintivamente, vem-lhe à memória o calor dos abraços com que, anos atrás, ao terminar umas férias em povoação vizinha, fôra recebido na sua terra natal, naquele Moncorvo tam distante... É, contudo, uma impressão momentânea. Dai a pouco, ei-lo por essas ruas, barbeado e escorreito, olhando com delícia as montras e as mulheres, esquecido de Lourenço Marques, um pouco confuso, mas orgulhoso, contente, feliz. Leva nos olhos um brilho de audácia, a sua mocidade sàdia sente-se capaz de tôdas as doidices...

Na sua singeleza, na sua ingenuidade, é o protótipo do portuguezinho audaz em busca de aventuras. Conseguirá êle realizar todos os seus desejos, dar corpo a todos os seus sonhos de rapaz novo e sequioso de prazeres? É o que vamos verificar nas linhas seguintes, descrição fiel dos curiosos episódios que caracterizaram a sua permanência no país do ouro.

A conquista do "Jonh"

(Novela heroica)

Durante muitas horas, vagueou, curiosa, deliciadamente pela cidade. Foi ao consulado e à curadoria, percorreu os estabelecimentos, entrou nos «bioscopes» e nas casas de chá, comeu, com os olhos, muito palminho de cara, fez, emfim, uma espécie de reconhecimento geral. A noitinha, jantou com apetite devorador e voltou logo a sair, para o cinematógrafo. Admirou o luxo da casa, o órgão majestoso, a assistência, e, por volta das onze e meia, cansado mas satisfeito, recolheu ao hotel.

Segundo dia. Rogério acorda tarde, bem disposto. Demora-se à janela, a contemplar o casario da cidade, as ruas largas e extensas em que se comprime já uma multidão frenética, lava-se, veste-se, pede o pequeno almôço. As onze e meia, sobe ao «Corner Lounge», para tomar o seu chá. Em Roma, ser romano...

Esperava encontrar ali gente conhecida, porventura algum amigo com quem pudesse trocar impressões, confidenciar. Com efeito, lá ao fundo, há caras conohecidas. Não é, contudo, essa, a companhia que lhe convém. São «croupiers», aventureiros, figuras duvidosas. que a colónia não quere. Vivem sob o olhar benévolo da polícia, que, à primeira partida, lhes deitará a mão. Decerto, estão por ali muitos portugueses honestos, gente decente que Rogério gostaria de abordar, mas quem lhos apresenta, quem lhos indica?

Por sorte, descobre um lugar estratégico, donde pode ver tôda a sala, literalmente cheia àquela hora. O «jazz-band» rompe com um «fox» diabólico, que põe apetites coreográficos nas pernas dos assistentes; e, emquanto as criaditas ágeis deslizam, por entre as mesas, levando e trazendo chícaras, dôces, refrescos, o nosso viajante põe-se a observar, com uma pontinha de inveja, os rapazes e as raparigas que chegam aos pares, que se sentam com desenvoltura, a conversar, alegres, a fumar, a rir, em camaradagem franca e simpática. É a alegria de viver, que a seu lado estua e que em todos os olhos se reflecte. Depois do trabalho, a hora legítima do prazer, lógica, natural, tonificante...

A tarde, dispersa-se. Vai ao Jardim Zoológico e à Galeria das Artes. Os seus olhos demoram-se por mármores e telas, numa admiração ingénua e boa. No seu espírito, entretanto, não há aquela serenidade indispensável numa estância do belo, que a não deixa a lembrança teimosa do anúncio de certo baile, com entradas pagas. Mal a noite deixa cair sôbre a progressiva cidade o seu manto de fantasmas, apressa-se a envergar o irrepreensível «smoking», a dar lustro nas unhas, a perfumar-se... Desprendidamente, à portuguesa, não leva companhia. O acaso lhe proporcionará parceira galante — quem sabe? — talvez mesmo algum «flirt» que ficará marcando de gentileza a recordação daquela noite...

Quando chega, dansa-se já, animadamente, no salão vastíssimo, resplandecente de luzes. Vibram por todos os cantos os ditos e as gargalhadas. Há «toilettes» caprichosas, decotes alucinantes que rasgam de deslumbramento os olhos do nosso turista.

A conferência é enorme. Rogério anda de grupo em grupo, esperando descobrir alguma cara desconhecida. Nova desilusão. Ninguém quere saber dêle, ninguém se importa com êle. Começa a sentir-se estrangeiro... Faz uma última tentativa, esboça com acanhamento vários convites, logo, porém, polidamente declinados. O «party» é indissolúvel...

A meia-noite, ainda não dansou, a-pesar-de os «steps», as «rumbas» e as valsas se sucederem quási sem interrupção. Finalmente, convence-se de que, não tendo levado par cá de fora, ficará ali tôda a noite encostado às paredes, como um paspalhão. Sem poder suportar por mais tempo o desaire, sai furibundo, maldizendo a hora em que pensou ir ao Transvaal.

Mas Rogério é moço. Confia sempre. Um novo dia traz-lhe uma nova esperança...

É fim de semana. Vai às corridas de cavalos, guia-se pelas indicações dum vizinho «entendido» e perde, perde bastante dinheiro. A noite, para se desforrar ou, talvez, para esquecer, dirige-se ao «Palais de Dance». A trôco de seis dinheiros, consegue cingir ao seu o corpo suado uma desconhecida, pobre «taxi» mercenária que faz, cansadamente, obrigatòriamente, o seu vigésimo rodopio no encerado rectângulo que é a sua prisão.

No domingo, com os estabelecimentos fechados, com a cidade morta, mais triste, mais desolado se sente ainda. Nem uma cervejinha lhe deixam, ao menos, beber, que a lei não o permite! Em Joanesburgo, quem se quiser embebedar ao domingo tem que se prevenir no sábado!... Santa moral, santos costumes!

No dia seguinte, um empregado da curadoria, que casualmente encontra, prontifica-se a apresentá-lo em casa duma família das suas relações, em que há raparigas alegres e comunicativas. Trabalho baldado; já estão comprometidas para tôda a semana. «Tennis», «pic-nics», teatros, bailes, jantares, não deixaram um momento para o obsequiador Santana.

Emfim, terça-feira surge, mais prometedora. No quarto andar do «Stuttaford's»,' chega à fala com uma caixeirita que lhe sorri com ar mimalho. Volta nos dias seguintes, acompanha-a a casa, compra gentilmente certo par de sapatos que a mocinha cubiçara, leva-a ao cinema, oferece-lhe jantares e almoços, cumula-a de atenções. Num dado momento, propõe-lhe uns passeios mais largos, que ela aceita com alvorôço... e a que acaba por faltar, com o maior desplante. Farto de espe-

Budha seria neurasténico?

Eis aqui uma pregunta a que era interessante dar resposta... Meditem nela os estudiosos...

Morria a tarde... Estávamos sentados a uma mesa do Pavilhão da Polana. E, em frente duma chávena melancólica de café e de um loiro cálice de «Congnac», o meu amigo Z..., à mercê da neurastenia, dizia-me assim, olhando as águas, donde se retiravam, na sua esplêndida nudez, as últimas banhistas:

— É isto, meu caro: a base, a origem de todo o mal, é — o desejo. O desejo e... a-final... a ilusão. O desejo que se apossa do homem, desde o seu nascimento, e lhe roi o coração, como uma hidra sempre renovada e nunca farta. O desejo é um monstro insaciável. Todo o pasto que lhe dêem — glória, domínio, fortuna, embriaguez dos sentidos, prazeres espirituais, mocidade, beleza, amor — tudo isso é pouco para êle... E tudo isso, a-final, não passa de formas fugitivas, de ilusões enganadoras. O homem aspira a tudo e não repara em que só o rodeiam fantasmas...

— Não digas isso...

— Digo. Repara: No universo tudo muda, tudo se transforma incessantemente. Todos os seres e tôdas as coisas se destroem e renovam a todo o instante. Nada há, no mundo, que, num mesmo dia, seja idêntico a si próprio. Que há, pois, na vida dos homens, que não sejam ilusões criadas e perseguidas pelo desejo? E, sendo assim, que melhor poderíamos fazer do que matar, em nós todos, o desejo? Destruiríamos a ilusão. Extinguiríamos a dôr. Teríamos triunfado...

— Estás budista...

— Não sei se estou. Penso assim. Sinto assim. E devo estar na posse da verdade.

— Não. O que tu estás é doente. Trata-te. Cura-te. Sentirás doutra maneira. Verás a vida por outro prisma muito diverso. Assim, és conduzido, necessàriamente, ao Nirvana...

Estava a ouvir-te e a lembrar-me das prègações declamatórias e filosóficas de Budha:

«E eu aprendi, ó homens religiosos, o que é a dôr, a imensidade da dôr e quais os meios de afastar a dôr. Eu conheci o que é a miséria do desejo, a miséria da existência, a miséria da ignorância, a miséria da vista, e descobri como tôdas essas misérias podem ser finalmente vencidas e como podem desaparecer sem deixar vestígios. Eu aprendi, também, o que é a ilusão, a imensidade da ilusão, e aprendi como esta pode ser destruída e como pode desaparecer sem deixar, atrás de si, o menor traço da sua passagem.»

— Pois, meu amigo, Budha, prègando isso há tantos séculos, tinha razão, infinitamente razão. Acaso Budha estaria também neurasténico?... Creio que não te arrojarás a admiti-lo — a não ser por «blague»...

— Quem sabe? A lenda da sua vida não nos esclarece sôbre êsse ponto... Mas... analisando bem, talvez não seja difícil chegarmos a essa conclusão... Neurasténico... ou pior...

— O quê?...

— Louco.

— Pretendes distrair-me? Seja. Dá largas à tua fantasia...

— Não. Cinjo-me apenas à lenda. Respeito-a. Recordo-ta e faço-te raciocinar sôbre ela. Mais nada.

— Pois seja...

— Budha — o grande Budha, teu... irmão... — era, como sabes, filho de um rei, o príncipe herdeiro dum trono. Gozou, desde a sua infância, no palácio de seu pai, todos os prazeres que o poder, a riqueza, a beleza, a saúde e a mocidade podem proporcionar. Chegado a homem, casou com uma linda e excelente rapariga que êle adorava e que lhe deu a suprema ventura de um lindo filho. Era um homem feliz. É nêste momento, precisamente no apogeu dessa sua felicidade, que Budha teve, num mesmo dia, três encontros. Recordas-te, por certo: Um velho curvado pela idade, caminhando a custo sob o pêso das suas enfermidades; um homem atacado pela peste, de horrível aspecto, contorcendo-se no meio de atroz sofrimento; e, finalmente, um morto, desfigurado, cujos pais, desolados, o acompanhavam à última morada...

« E Budha pregunta a si próprio: «Porquê a velhice? Porquê a doença? Porquê a morte?».

« E acrescentou: «Eu sou rico, poderoso, feliz e forte. Mas a minha fortuna e o meu poder não impedirão que os meus cabelos embranqueçam, que o meu rosto se cubra de horríveis rugas, que os meus membros sejam tomados pela dôr, nem que aqueles que me estimam um dia venham a chorar sôbre o meu túmulo. Como posso eu regozijar-me com os meus tesouros, a minha saúde, a minha bela mulher e o meu querido filho, se eu sei o que o futuro me reserva?».

« E é nêsse mesmo dia — preocupado com o problema da dôr, com as suas causas e a forma de a exterminar — que Budha, o homem feliz, abandona a mulher adorada, o filhito querido, o velho pai, o seu palácio, os seus criados, os seus tesouros!... E, envergando uma veste miserável e levando na mão o saco das esmolas, se mete a caminho, a pé, indo de aldeia em aldeia e vivendo da caridade dos outros, para contemplar a vida sob todos os aspectos e continuar a série das suas meditações...

— E então?!...

— Parece-te pouco? Achas isto normal? Então um homem, lá porque encontrou um velho, um doente e um morto... volta costas à felicidade e despreza o pai, a mulher e o filho?!...

— A «blague» não está má...

— Não; não faço «blague»... Eu compreendo o Cristo, o filho de Maria, nascido, miseràvelmente, num estábulo, compartilhando do duro e mal compensado trabalho de seu pai — o carpinteiro José... Compreendo que Jesus, no seio dessa miséria, dessa desgraça, sentisse a desgraça e a miséria dos outros e se lançasse, depois, na prègação da sua doutrina. Mas não compreendo que um homem feliz, lá porque se envelhece, se adoece e se morre, destrua a sua felicidade e a dos seus e se meta a uma vida de judeu errante, para, no fim, concluir que a felicidade está na morte, no aniquilamento de tudo, no Nirvana — «êsse estado onde o pensamento e a própria consciência desaparecem»!...

Ora tu, se não estás como Budha, para lá caminhas...

— Queres tu dizer que eu sou feliz?

— Tens todos os motivos para o seres. Se assim te não julgas, é porque estás doente. Trata-te. Vai à Europa. Olha: vai pelo Canal, que não conheces. O próprio mar te curará. Ao fim de quinze dias de viagem estarás outro. Verás a vida por outro prisma... E has-de rir-te, depois, do que hoje dizes...

....

....

E foi... E voltou... E riu-se...

Mas foi um sonho...

Em tudo isto, havia, apenas, de verdade, três coisas: um livro aberto, uma chávena de café e um cálice de «Cognac», na mesinha, a meu lado...

Adormecera no «maple»... Esfreguei os olhos, espreguicei-me, acordei...

Tomei o café, tomei o «Cognac»... E achei tam curioso o sonho, que me sentei à secretária e o escrevi para «O Ilustrado».

No livro aberto, a folhas 345, lá se diz:

«Je connus quelle est la misère du désir, la misère de l'existence, la misere...»

«Conheci o que é a miséria do desejo, a miséria da existência, a miséria...»

Era Budha que falava...

....

Depois dêste sonho, ocorre preguntar: Budha teria sido um neurasténico?... Aqui está uma pregunta a que conviria dar uma resposta... Meditem nela os estudiosos...

E, se assim fôr, ficaremos sabendo que da neurastenia de um príncipe resultou uma religião que, no Oriente, exerceu e exerce uma influência tam profunda como o cristianismo no Ocidente...

---

rar em vão, desapontado, desgostoso, Rogério Santana manda ao diabo a sua «baby-face» e mais a fingida candura com que o ludibriou. Fica-lhe, porém, atravessado nas güelas, para todo o sempre, aquele rico par de sapatos...

Não. Sem conhecidos, sem amigos, Joanesburgo é uma cidade impossível. Sinceramente, penitencia-se da estulta vaidade que o fez desdenhar das cartas de apresentação que alguns companheiros mais experimentados lhe facultavam. Agora, era tarde.

Humilhado, desiludido, Rogério desiste de mais conquistas. Mete-se nos «bios» e nos «tea-rooms», cansa-se propositadamente, atordôa-se pelas ruas sem fim.

Tendo-se-lhe quási esgotado os recursos, prepara-se para o regresso, não obstante faltarem ainda alguns para o fim das suas férias.

Já na véspera da partida, ao anoitecer, o «groom» do hotel, mediante razoável gorgeta, tem artes de lhe introduzir no quarto, furtivamente, uma rapariguinha esclerótica, olheirenta, mal vestida. E é todo o deleite que a sua carne exigente disfruta, naquele tam afamado éden...

....

....

Dois dias depois, Rogério Santana faz a sua reaparição na Praça 7 de Março. Está radiante. Rodeiam-no os amigos, que querem saber das suas aventuras, dos seus triunfos, das suas conquistas...

— E essas «bifas»? — preguntam. Essas «bifas»?

Rogério assume um ar meio sério, meio malicioso, e responde à pregunta brejeira com uma fingida modéstia que não deixa dúvidas:

— Menos mal! Menos mal!...

PAULO RAMIREZ

Vai Lourenço Marques vêr muito em breve o primeiro filme sonoro da Tobis Portuguesa, sociedade devidamente constituida com capitais portugueses, que fez recentemente o filme caracteristicamente lisboeta a que deu o nome de «Canção de Lisboa».

E' ao Gil Vicente que vai caber a honra de fazer a sua apresentação nesta cidade, e vai certamente ser recebido e aplaudido como têem sido outras produções portuguesas.